

# USO DE NOVAS LINGUAGENS NO ENSINO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO

Mayara Ferreira Marçal  
Estudante – UEPB  
Marciane Silva Ambrosio Benício  
Estudante UEPB  
Wesley Rangel B. Dos Santos  
Estudante - UEPB

Orientadora:  
Dr.<sup>a</sup>. Maria Lindaci Gomes de Souza. UEPB

## Resumo:

Este presente trabalho se constitui em apresentar uma discussão que busca refletir sobre as múltiplas práticas educativas no espaço escolar e tem como objetivo analisar o uso de recursos didáticos como a músicas, a literatura, jornais, revistas, filmes, imagens e a interdisciplinaridade como um recurso valioso para que os educadores consigam alterar a rotina nas salas de aula, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e prazeroso a partir do uso desses recursos citados acima. Enfatizando que este trabalho tem como desafio mostrar a importância do uso dessas novas linguagens no ensino tendo em vista que é fundamental o papel da educação no desenvolvimento das pessoas e principalmente na formação de sujeitos conscientes de suas ações diante das sociedades, por isso a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos mais críticos a partir desses recursos. Quanto ao embasamento teórico deste trabalho pode ser classificado como exploratório, pois busca o esclarecimento de ideias e discursos que mostram as grandes transformações ocorridas no ensino e aprendizagem dos educandos.

**Palavras-chave:** Educação, novas linguagens e práticas educativas.

## INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando um novo momento na forma de fazer e ensinar História. A partir da crise dos paradigmas, há também uma crise na produção do conhecimento histórico que refletiu profundamente na crise do ensino de História. “Paradigmas são convenções que somos acostumados a vivenciar. Uma crise de paradigma seria uma ruptura com o convencional”<sup>[1]</sup>.

---

[1] <http://crisedeparadigmas.blogspot.com.br/2010/05/trabalho-e-perspectivas-para-criises-de.html>

Marc Bloch, em 1941 observou que a ciência se tornou mais flexível, revendo suas teorias que antes eram cristalizadas e inquestionáveis, e que passou a se abrir para modelos alternativos de produzir conhecimento. Portanto, Bloch afirmou que dentro do campo das ciências humanas o modelo tradicional de produzir conhecimento também deixou de ser único. O que ocorreu é o que Kuhn (1991) chamou de verdadeira revolução do pensamento científico, com isso, houve uma quebra de paradigma, que ocorreu com a necessidade de formulação de novas teorias, leis e instrumentos, pois os antigos não davam mais conta de responder às mudanças e novos problemas que surgiram (CRUZ, 2001).

Em relação à história, essa reviravolta científica ocorreu com Marc Bloch e Lucien Febvre, criadores da chamada *École des Annales*, e com o surgimento da “Nova História” escrita com uma reação contra o “paradigma tradicional”. Desse modo, a forma de se analisar e escrever a história abriu caminhos para pensar não só a história de vida dos “poderosos” dos “grandes vultos históricos”, mas também passou a enxergar as “pessoas comuns” e as identidades coletivas (*ibidem*, 2001).

Acredita-se que as mudanças mais radicais, geralmente, são de ordem científica (político, econômico e tecnológico), devido ao esgotamento das explicações oferecidas pelos modelos e teorias tradicionais, que faz com que sejam buscadas novas alternativas que substituam as já desgastadas (COSTA, 2009). Tudo isso refletiu também no ensino de História, pois nos métodos tradicionais de ensino, o professor era o senhor único da sabedoria e o aluno receptor. O livro didático era inquestionável, os nomes dos “grandes políticos” e “grandes datas” eram para ser unanimemente decorados. Sabemos que essas concepções atualmente estão atrasadas, e que cada vez mais se busca novas formas de ensinar, fazendo o possível para tornar as aulas mais atrativas e didáticas.

O uso de novas linguagens, como por exemplo, a literatura, documentos, imagens, filmes, cordéis, quadrinhos, jornais, revistas, música, enfim, estão revolucionando o ensino, seja em qual for a disciplina. Nosso trabalho tem o desafio de mostrar a importância do uso dessas novas linguagens no ensino, analisar como a letra de uma música pode ser vista como material didático, e problematizar de que maneira ela pode ser usada pelo professor em sala de aula.

## O ENSINO E AS NOVAS LINGUAGENS

O uso de novas linguagens no Ensino de História tem sido muito utilizado como recurso didático, como por exemplo, a música. Mas, antes de iniciarmos a discussão acerca deste tema é preciso ter em mente que a utilização dessas novas linguagens na pesquisa historiográfica emergiu por volta da segunda década do século XX, com a “Escola dos Annales”, pois “até esse momento vigorava uma concepção científica do conhecimento, como algo neutro e objetivo” (Guerra & Diniz, 2007, p.127). Com isso podemos constatar que foi com os “Annales” que surgiram as novas propostas teórico-metodológicas nas abordagens históricas, pois antes disso a noção de documento era bastante complexa.

Mas, mesmo com a utilização dessas novas linguagens e não somente com as dos documentos ditos “oficiais”, é preciso lembrar que nenhum documento é neutro, existindo assim a necessidade de interrogá-los e não vê-los como sendo uma verdade absoluta, pois essas fontes alternativas de linguagem têm como objetivo, promover o desenvolvimento da consciência histórica a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos, isso pode ser percebido em Guerra e Diniz;

“As considerações e os questionamentos que levaram à ampliação de temáticas e fontes que constituem o conhecimento histórico – e que se desdobram em diversas linguagens – foram fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino, pois contribuíram para que o professor pudesse “sair da rotina”, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico” (2007, p.128-129).

Portanto, podemos perceber que as inovações trazidas com essas novas linguagens, especificando a música, são de grande importância para a formação do professor e melhoria de suas práticas educativas no ambiente escolar.

Ao utilizar a música como um recurso de linguagem no ensino de História, devemos lembrar que os mesmos não podem ser utilizados apenas como simples ilustração, havendo a necessidade de questioná-los. Fonseca evidencia claramente esta preocupação com relação a essas novas linguagens;

“(…) em alguns casos estas são utilizadas apenas como ilustração do conteúdo tradicional, não havendo trabalho de reflexão sobre a natureza das linguagens,

suas especificidades, seus limites, e sobre os elementos históricos que as constituem” (apud CUNHA, 1996: 59).

Ao utilizar essas novas linguagens, tem que se ter em mente que as mesmas serão usadas como uma renovação no que se refere às práticas de ensino em sala de aula, levando os alunos a alcançar uma nova forma de refletir e de debater, desenvolvendo novas formas de construção do conhecimento, tornando-os mais críticos.

## **A ORIGEM DA MUSICA NO BRASIL**

A música brasileira é misturada a elementos de várias culturas, principalmente as chamadas culturas dos colonizadores portugueses (européia), a dos nativos (indígena) e a dos escravos (africana). Sendo muito complicado estabelecer a temporalidade correta acerca dos elementos que compõe sua origem.

É importante salientar que os primeiros professores de música no Brasil foram os padres Jesuítas, os quais eram responsáveis pela catequese dos nativos. No Brasil, os Jesuítas foram os responsáveis por construir as chamadas “Missões”, que além de ensinar a religião católica e a agricultura, ensinavam música vocal e instrumental, criando orquestras só de índios. O mais famoso foi jesuíta, o padre Anchieta, criador de muitos “autos”, espécie de peças de teatro didáticas, que tinham a função de ensinar a religião de forma dinâmica, criativa para os índios (PEREIRA, 2010).

Contudo, a música no Brasil se formou a partir da mistura de vários elementos trazidos pelos colonizadores ao “novo mundo”, sendo que ao longo das décadas, outras influências musicais foram se somando ao longo da história, estabelecendo uma enorme variedade de estilos musicais.

A trajetória da música, e sua utilização, é de suma importância para desmistificar alguns estereótipos que estimulam o preconceito racial e social, servindo muitas vezes de elemento de união entre a grande variedade étnica que existe em nosso país, as quais estão impregnadas em nossas escolas, pois, segundo Ana Paula Pereira,

“A música incorpora elementos que chamam a atenção para um novo despertar; um convite a reagir e a repensar velhas práticas deterministas com base em aspectos *etnicoraciais* que acentuam a exclusão social.” (2010, p.48).

Partindo deste ponto, a música pode ser vista como um elemento agregador entre culturas, onde se pode utilizar de seus sons, tons, ritmos e melodias para denunciar as práticas discriminatórias utilizadas contra algumas culturas, principalmente contra os negros, e ao mesmo tempo ela pode ser um grande recurso para a valorização da mesma.

## **A MÚSICA COMO UM RECURSO DIDÁTICO**

A música ao longo de sua trajetória tem-se constituído de grande importância, desempenhando um papel fundamental na construção de diversos contextos, podendo até mesmo influenciar em comportamentos e em situações cotidianas, sendo em grande medida um referencial para que os indivíduos possa se posicionar dentro de uma cultura, explicitando sua cor, sua origem, sua etnia, seu gênero, seu sexo e sua classe social, valorizando sua cultura e desconstruindo estereótipos, como mostra Ana Paula Pereira,

“Assim, a música, longe de ser apenas um objeto artístico, também tem servido como instrumento de expressão política e de denúncia social capaz de afetar o ouvinte e criar uma nova consciência na luta contra as desigualdades”. (PEREIRA, 2010, p.40)

Desta forma ao longo do tempo a música tem sido um recurso muito utilizado em sala de aulas, como um meio que busca envolver os alunos, e que de certa forma leva-os a formar um senso crítico, visto que a mesma é capaz de afetar e tocar no interior das pessoas (ou ouvintes), conscientizando a cerca das diversas questões que envolvem o ser humano em sua amplitude.

Na sala de aula esse procedimento está sendo bem difundido, pois os alunos se envolvem muito com esse recurso. Alguns livros didáticos já incorporaram em seus textos as letras de canções que remetem a determinados assuntos. Letras como a de “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque são muito utilizadas para evidenciar situações históricas, nesse caso, a submissão das mulheres atenienses, é um tema abordado por ele.

Como explica Fabiane Batista, “as mulheres constituem a maior parte da população brasileira e não haveria como tratar coerentemente do brasileiro sem levá-las

em conta” (2009, p. 213), no entanto, em pleno século XXI, as mulheres ainda continuam sofrendo preconceitos e discriminações, recebendo menores salários e sendo alvos muitas vezes de violências domésticas e sexuais.

## **ATENAS E O PAPEL DAS MULHERES: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO COTIDIANO.**

Atena, deusa da sabedoria, da paz e da guerra, a filha predileta de Zeus. Segundo a mitologia grega, Zeus teria pedido para Hefestos abrir sua própria cabeça com um machado e retirasse a deusa Atena de dentro de si. Com ela, Zeus decidiu dividir o poder das tempestades e dos relâmpagos vencendo inúmeras guerras. Atena é considerada a deusa virgem, pois permaneceu assim durante toda sua história, não queria que nenhum homem se apaixonasse por ela, acreditava que sendo livre teria plenas condições de disputar as grandes guerras. São os mitos, as epopéias e as grandes façanhas dos deuses que desciam do Olimpo e assemelhavam-se aos homens que constituíram a sociedade grega antiga. Não podemos deixar de afirmar que a cultura grega, durante séculos, exerceu uma forte influência sobre as demais culturas.

A cidade de Atenas foi fundada na Ática, península do mar Egeu, pelos jônios, por volta dos anos 500 a.C. e 400 a.C. uma das principais cidades-estado na Grécia Antiga, que tinha como líder, Péricles. Atenas era uma cidade considerada bem sucedida comercialmente, por isso mesmo despertou a inveja e cobiça de muitas cidades gregas, principalmente de Esparta, sua maior inimiga, que decidiu se aliar a outras cidades num combate contra os atenienses na mais célebre guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C.) que durou cerca de 27 anos tendo Esparta como vencedora.

Independente dos conflitos e das disputas políticas travada entre as duas maiores cidades da Grécia, Atenas foi responsável por expandir a essência do pensamento filosófico, grandes pensadores que protagonizaram os grandes discursos nas praças públicas como: Platão e Sócrates. Atenas também se destacou pela preocupação com o desenvolvimento intelectual e artístico do seu povo, homenageando os seus deuses, principalmente a deusa Atena, protetora da cidade. Sua democracia contemplava apenas os seus cidadãos, ou seja, homens livres, nascidos em Atenas e maiores de idade com o direito de participar e ter voto na Assembléia. Portanto essas

são algumas características que constituíram a formação de uma sociedade marcada pelos seus teatros, sua tão famosa Acrópole, o Phartenon, Ágora, Templo de Zeus e o Areópago <sup>[2]</sup>.

Claro que a temática em questão perpassa o mundo grego, mais precisamente a sociedade ateniense, mas queremos centrar nossa discussão no papel da mulher em Atenas, o cotidiano feminino nas suas mais diversas maneiras. Pois bem, as mulheres atenienses tinham menos liberdade do que as mulheres de Esparta. Elas casavam-se muito jovens, entre seus 15 e 18 anos, conforme a escolha que fosse feita pelos pais. Após se casarem, tinha que prestar obediência ao seu marido, uma forma de subserviência, as mulheres mais ricas viviam reclusas em um determinado compartimento da casa, enquanto que as mais pobres eram obrigadas a trabalhar. Caso o marido soubesse que a sua esposa o tinha lhe traído, ou, descobrisse que ela não poderia engravidar, ele tinha todo o direito de devolvê-la para a família.

Podemos identificar também ao longo dessa pesquisa a importância da mulher na *Oikos*, as relações existentes com seus maridos e com outras mulheres. Mas antes de resgatarmos a figura feminina, expliquemos a função da *Oikos* na vida dos gregos.

O que seria a *Oikos*? Um espaço que popularmente denominaríamos hoje de casa. Lugar capaz de abrigar não só os parentes mais próximos do senhor mestre, mas homens e mulheres que ali desenvolviam várias atividades. Em torno de cada família aristocrática estava constituída uma nova estrutura denominada *Oikos*, desde bens materiais, terras, rebanhos, palácio, escravos, até bens imateriais como a família, por exemplo. Dentro da *Oikos* ocorria o desenvolvimento das práticas agrícolas e pecuária, ambas supervisionada pelo senhor mestre. Este era respeitado por todos os seus convivas, ele possuía a capacidade de tomar as decisões e perceber o que era melhor para sua *Oikos*. É interessante perceber o nível de riquezas acumuladas por estes senhores mestres, onde, alguns deles chegavam a acumular verdadeiros tesouros, possuindo o status de reis, como Menelau, Alcino e Odisseu.

Na narrativa de Homero, em a *Odisséia*, ele apresenta a rainha Penélope, esposa de Odisseu como uma mulher virtuosa, sábia, aquela que sabe escutar e se

---

<sup>[2]</sup> <http://www.itaporanga.net/genero/3/07/07.pdf>

posicionar nos momentos oportunos, uma mulher de pulso forte, que soube compreender a missão que recolheria seu esposo Odisseu por um longo tempo ausente da Oikos. Ora, as atividades não podiam parar, as mulheres davam seguimento a todos os ofícios enquanto seus esposos estavam nas batalhas. O cuidado e a manutenção da Oikos, produção de vinhos e a educação dos filhos estavam como várias das atividades realizadas por estas mulheres. A rainha Penélope simbolizava a honradez e paciência de uma mulher que espera por seu marido durante vinte anos, que para muitos já tinha morrido. Uma esposa que demonstrou fidelidade com seu casamento e negou todos os pretendentes que lhe lançavam os mais ardentes desejos. Penélope é a mulher grega que soube educar seu filho durante vinte anos na ausência do pai, demonstrou ser muito mais do que uma mãe, é a força da mulher grega vigilante.

A Grécia antiga era bastante religiosa, e não é de estranhar quando o poeta Homero no século VIII a.C. decidiu recolher o que era antes oralidade, sistematizou e passou a escrever o que seria grande instrumento para o pensamento grego antigo, a *mitologia*. A mitologia grega era assunto principal nas aprendizagens das crianças da Grécia Antiga, como meio de orientá-las no entendimento de fenômenos naturais e em outros acontecimentos que ocorriam sem o intermédio dos humanos. Os textos de Homero eram lidos por todos os cidadãos com toda seriedade e o mais alto rigor de confiabilidade, poderíamos dizer que era uma espécie de textos de orientações para a vida de cada indivíduo grego. Com efeito, não se poderia passar por esta vida sem ter lido o poeta Homero, sem conhecer como os deuses acompanhavam o itinerário dos grandes heróis. Assim é na Odisséia, o centro de toda história, o triunfo do grande rei Odisseu na sua viagem por longos anos, a derrota de Tróia e o seu difícil e quase eterno retorno para Ítaca. Mas “os homens não podem viver sem os deuses”, ora, a prepotência e o orgulho foram os maiores motivos que fizeram Odisseu e seus guerreiros se perderem da grande frota quando eles retornavam para suas casas, tudo isso poderia ser o fim eterno nas águas de Poseidon, mas vale lembrar que Odisseu é retratado por Homero como o único mortal a usar bem a cabeça, é o mestre capaz de raciocinar o melhor caminho de volta para casa onde sua esposa estava à espera por longos anos. Pois, são essas mulheres na “longínqua” espera que elas tecem seus bordados, uma das principais ocupações das atenienses de todas as classes sociais que era usar a lã para fazer tecidos. Um processo, longo e trabalhoso, envolvia desde a preparação dos primeiros fios até a criação de peças em teares manuais.

Cuidar das crianças era uma função primordialmente das mulheres, até os 7 anos os filhos permaneciam na “barra” da mãe. As primeiras palavras, os ensinamentos iniciais eram transmitidos a partir da mãe. Naturalmente isso ocorria devido aos pais estarem sempre servindo aos exércitos em grandes batalhas, passava dias, meses e anos ausente de casa, o tempo era resumido para dedicar uma atenção maior aos seus filhos. Enquanto isso, a mãe dava toda atenção para com seus filhos, e mais, elas tinham que dar duro o ano inteiro nos afazeres domésticos. Uma das principais atividades era plantar e colher ervas, verduras e legumes, também tinham a responsabilidade pela pecuária, ordenhavam cabras e ovelhas, ainda criavam abelhas para produzir mel. São as mulheres gregas, ora, são *As Mulheres de Atenas* que vivem para seus maridos, sem reclamar, porque entendem que os homens são o orgulho e raça de Atenas que vão para a batalha e prometem retornar com a vitória <sup>[3]</sup>.

## ANÁLISE

Há inúmeras interpretações diferentes à cerca de uma mesma música. O subjetivismo na interpretação não permite que sujeitos diferentes interpretem de um mesmo modo um objeto. No entanto, tem que haver aspectos comuns no contexto interpretativo. Para a análise da canção *Mulheres de Atenas*, uma composição de Chico Buarque de Holanda em parceria com Augusto Boal, pesquisamos em sites de interpretação de música e encontramos aproximadamente umas cem interpretações, algumas parecidas umas com as outras, outras bem diferentes.

### **Mulheres de Atenas**

**(Chico Buarque de Holanda e Augusto Boal)**

*Mirem-se no exemplo*

*Daquelas mulheres de Atenas*

Quando o autor diz, mirem-se, ele quer dizer o contrário, ou seja, coloquem-se no lugar delas e vejam o que acontecia.

---

<sup>[3]</sup> <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/as-mulheres-de-atenas>

*Vivem pros seus maridos*

*Orgulho e raça de Atenas*

Mesmo os atenienses tendo sido os criadores da democracia, percebemos que a atuação da mulher era reduzida. Educada para ser dócil e reservada ao mundo doméstico, à mulher ateniense era subjugada pelo pai até ele escolher qual homem poderia com ela se casar. Após o matrimônio, a subserviência feminina era destinada ao marido. Mesmo após as reformas políticas, as mulheres não participavam das questões políticas por serem consideradas sem capacidade para esse tipo de tarefa.

Uma letra que faz referência diretamente ao aspecto social da sociedade ateniense, que corresponde ao período clássico e algumas personagens que constituíram a mitologia grega. É necessário, antes de tudo, nos ater para o verbo *mirar* presente no início da estrofe. A intenção de Chico Buarque não é levar as mulheres (sociedade) dos dias atuais para as práticas das mulheres atenienses, ao contrário, a expressão toma forma quando analisada no sentido inverso da coisa. A figura feminina atual não deve se basear nas práticas “*Daquelas mulheres de Atenas*”, elas simplesmente viviam para os seus maridos. A sociedade atual, infelizmente é caracterizada por posturas machistas, o que dificulta a plena igualdade dos direitos do homem e da mulher. É uma ironia *mirar* nas mulheres gregas que não tinham quase nenhuma importância, elas não viviam para si, mas simplesmente para saciar as necessidades e gostos de seus maridos.

*Quando amadas, se perfumam*

*Se banham com leite, se arrumam*

*Suas melenas*

Elas viviam em torno do marido, suas vidas giravam ao seu redor, até o simples ato de tomar banho, pois tudo era para lhe agradar. Possivelmente nem todas as mulheres dessa época sofriam em seus casamentos. Tinham seus encantos e por isso eram, no geral, amadas. Melenas quer dizer cabelos longos e cacheados<sup>[4]</sup>.

---

[4] <http://www.dicionarioweb.com.br/cadena.html>

*Quando fustigadas não choram  
Se ajoelham, pedem imploram  
Mais duras penas; cadenas*

Quando humilhadas física ou verbalmente aguentavam caladas e ainda lhes imploravam ajoelhadas mais punição. Como cadenas significa corrente, possivelmente o que ele quis dizer com cadenas foi que elas eram acorrentadas, ou presas<sup>[5]</sup>.

A mulher é vista como um “ser” sem sentimento, vazia das lágrimas, ela se submete aos caprichos do homem lhe pedindo perdão. As duras penas a mulher sente nos tempos presentes quando é violentada ou discriminada e, muitas vezes, impedida de denunciar aquele que praticou tal ato contra sua pessoa. Mulheres! “*Mirem-se nas mulheres de Atenas*” e invertam o que foi feito no passado, vale ressaltar dentro dessa pesquisa o que diz a Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha:

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

As mulheres de hoje não são mais as Mulheres de Atenas, já percebemos avanços significativos na luta pelos direitos, mas sabemos que a violência e desigualdade com a mulher ainda é latente. Por isso que fizemos questão de resgatar a análise da letra dessa canção, a sua relação de historicidade com a sociedade moderna mostra o exemplo de humilhação e sofrimento vivenciado pela mulher.

*Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Sofrem pros seus maridos  
Poder e força de Atenas*

Era honrada a mulher que sofria que esperava pelo o seu amado. A mulher era sinônimo de sofrimento, e o homem de poder e força.

---

<sup>[5]</sup> (*idem*)

“As mulheres sofrem pros seus maridos [...]”, mas que sofrimento é esse? Será que não eram as condições pífias que a mulher era obrigada a passar e continua passando?

*Quando eles embarcam soldados*

*Elas tecem longos bordados*

*Mil quarentenas*

As atenienses de qualquer classe social tinham como principal tarefa fazer tecidos com a lã. O processo era longo e difícil, ia desde a preparação do fio até a criação das peças em teares à mão.

*E quando eles voltam, sedentos*

*Querem arrancar, violentos*

*Carícias plenas, obscenas*

Depois de tantos anos distantes das mulheres, os maridos voltavam com enorme vontade de possuí-las. Mas muitas vezes quando eles voltavam, elas eram outras pessoas e precisavam de um tempo para se acostumar com a presença do marido. Mas eles não tinham a sensibilidade de respeitar esse tempo e queria logo possuí-las. São os homens que vão para as batalhas e a mulheres ficam a tecer longos bordados na espera por longos tempos, mesmo que sejam “*Mil quarentenas*”, mas elas estão ali firmes na educação dos filhos e nas atividades domésticas. O verso respectivamente representa o sexo praticado de maneira bruta sem o mínimo respeito com a figura da mulher, com violência e obscenidades.

*Mirem-se no exemplo*

*Daquelas mulheres de Atenas*

*Despem-se pros maridos*

*Bravos guerreiros de Atenas*

Mesmo que não quisessem, elas tiravam suas vestes para seus maridos, os guerreiros corajosos da cidade.

*Quando eles se entopem de vinho  
Costumam buscar um carinho  
De outras falenas*

O vinho era a bebida mais apreciada entre os gregos, era considerado o néctar dos deuses. Quando embriagados, buscavam o prazer sexual com mulheres da vida. Falenas quer dizer “borboletas noturnas”, ou seja, prostitutas.

*Mas no fim da noite, aos pedaços  
Quase sempre voltam pros braços  
De suas pequenas, Helenas*

Helena foi uma personagem histórica que foi marcada como causadora de grandes tragédias por causa de sua beleza fatal. Ela era a mulher de Menelau, e seu rapto por Páris, efetuou na famosa Guerra de Tróia (HOMERO, 1991). A mulher aqui é comparada a Helena, símbolo de beleza e desgraça.

*Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas:  
Geram pros seus maridos,  
Os novos filhos de Atenas.*

A mulher era vista apenas como procriadora, servindo apenas para cuidar da casa do marido e dos filhos.

*Elas não têm gosto ou vontade,  
Nem defeito, nem qualidade;  
Têm medo apenas.*

A mulher era vista como uma folha seca, sem nenhuma qualidade (apesar de ter inúmeras) a não ser o medo e a obediência e submissão aos devaneios do marido.

*Não tem sonhos, só tem presságios.  
O seu homem, mares, naufrágios...  
Lindas sirenas, morenas.*

Os presságios eram pressentimentos que elas sentiam quando seus maridos estavam nas batalhas. Sirenas eram seres da mitologia grega, o que corresponde para nós como as sereias.

*Mirem-se no exemplo*

*Daquelas mulheres de Atenas*

*Temem por seus maridos*

*Heróis e amantes de Atenas*

A música pode ser considerada por muitos como uma metáfora à ditadura militar brasileira, época em que Chico escreveu essa música. Ele estava se referindo aos exilados da ditadura, que deixavam suas mulheres e famílias aqui, todos tinham que se resignar e esperar a sua volta. Usa a história da Grécia Antiga, naquela época as mulheres realmente eram não cidadãs e dependentes de seus maridos. Ele utiliza a História para não chamar a atenção da censura.

*As jovens viúvas marcadas*

*E as gestantes abandonadas*

*Não fazem cenas*

*Vestem-se de negro, se encolhem*

*Se conformam e se recolhem*

*Às suas novenas*

*Serenas*

Como a letra foi escrita na época da ditadura, ela faz uma alusão implícita ao Regime Ditatorial no qual passava o país naquela época. Os homens eram exilados, deixando suas mulheres gestantes, e até viúvas.

*Mirem-se no exemplo*

*Daquelas mulheres de Atenas*

*Secam por seus maridos*

*Orgulho e raça de Atenas*<sup>[6]</sup>

---

[6] <http://letras.mus.br/chico-buarque/45150/>

É interessante pensar, por que o autor pede para espelharem-se ao exemplo das mulheres de Atenas? Que crítica ele faz com isso? O que tem de errado com as atuais? Será que é por que a situação da mulher ao longo dos séculos sofreu grandes modificações, visto que a mulher hoje não é mais submissa aos maridos como em Atenas, “prisioneiras sem correntes”. Atualmente a mulher conseguiu conquistar sua autonomia, e as Leis lhe favorecem a reagir contra qualquer ato de humilhação ou agressão, elas tem conquistado certa “liberdade”, mas, existe aquelas que persiste em viver como as mulheres de Atenas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

COSTA, L. A. F., Afinal, o que significa uma crise de paradigmas? In: FUKUYAMA, F. *The End of History and The Last Man*, Free Press, New York, 1992.

CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História e da Educação. In: NIKITIUK, Sônia L. (Org). *Repensando o Ensino de História*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CUNHA, Maria de Fátima da. Cantando o Brasil Pós 64. In: *História & Ensino*. Londrina: V. 02. 1996.

GUERRA, Fabiana de Paula & DINIZ, Leudjane Michelle Viegas. A incorporação de outras linguagens ao ensino de História. In: *História & Ensino*. Londrina, v.13. 2007.

HOMERO. *Odisséia*. Lisboa: Livros Cotovia, 1991.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História cultural da música popular*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 77-108.

PEREIRA, Ana Paula. O Samba Como Símbolo de Resistência e Afirmação da Identidade Negra. IN: Marly Gondim Cavalcante Souza (org). *Leituras Cruzadas: Literatura e Música*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010, p. 39-54.

PINTO, Fabiane Batista. Os brasileiros de Chico Buarque. In: SOUZA, Marly Gondim Cavalcanti (Org.). *Diálogos entre literatura e outras artes*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009, p. 201-217.

REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.65-90.

**INTERNET:**

ARAÚJO, Gabriela da Paz; PALMEIRA, Juljan Lima. *A ironia em mulheres de atenas: uma análise sobre a opressão da mulher e a função social do ensino*. Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/3/07/07.pdf>>. Acesso em: 03 julho 2012.

LINS, Luís Carlos da Silva. *As Mulheres de Atenas*. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/as-mulheres-de-atenas>>. Acesso em: 03 julho 2012.

Presidência da República: Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 11.340*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 03 julho 2012.

TORRES, Ana Almeida et. al. *Crise de Paradigmas, Globalização e Cultura*. Disponível em: <<http://crisedeparadigmas.blogspot.com.br/2010/05/trabalho-e-perspectivas-para-criises-de.html>>. Acesso em: 27 Junho 2012.